

#15 | DEZEMBRO | 2010

BETAR & ARTES & LETRAS

Jardins Impressionistas

Dê um salto a Madrid para ver uma exposição inesquecível

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessá ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Em época festiva não podíamos deixar de seleccionar os melhores eventos culturais para que possa partilhar bons momentos com a família.

Já levou os seus filhos ao teatro ou a um concerto de música infantil? À semelhança do ano passado, reunimos várias sugestões para os mais pequenos, porque a cultura é transversal a todas as idades. Experimente, verá que eles vão gostar...

Mas embora o Natal seja das crianças, a Artes&Letras tem também excelentes propostas para si. O cinema e o teatro não param de nos trazer grandes histórias. Baseadas em acontecimentos verídicos – como a película *José e Pilar* e a peça *Fim de Citação* - ou ficcionadas – como o filme *Cópia Certificada* e a obra de Bertolt Brecht, *O Sr. Puntilla e o seu criado Matti* -, têm sempre mensagens implícitas que podemos adaptar às nossas vidas...

Concertos e performances de dança também não faltam, em Lisboa e no Porto, e ao nível da arte não pode perder as singulares mostras de Helena Lapas e João Queiroz, dois extraordinários artistas portugueses.

Se tiver oportunidade de ir até Madrid ou Paris, há várias exposições que merecem ser apreciadas.

Por cá, continuamos a aguardar pelas suas sugestões de livros e filmes. Este mês contamos com a colaboração da Maria João Vieira e da Sofia Alves.

Para o próximo ano estamos a preparar algumas surpresas para que a Artes&Letras seja ainda melhor. Até lá, votos de Boas Festas!

MIGUEL VILAR

EDITORIAL

Já aqui anunciamos 'José e Pilar' aquando da sua apresentação no DocLisboa. Agora que o vimos, recomendamos. Outro filme imperdível é o novo de Kiarostami. Aqui fica a crónica.

NO GRANDE ECRÃ

Cópia Certificada

Um filme cheio de significado



Título original: Copie Conforme
De: Abbas Kiarostami
Com: Juliette Binoche, William Shimell
Género: Drama
Classificação: M/12
França/Irão/Itália, 2010, 106 min

Abbas Kiarostami veio ao Estoril Film Festival para apresentar o seu último filme, rodado em Itália, que resulta de uma viagem do realizador iraniano pela Toscana. Para este primeiro filme na Europa escolheu Juliette Binoche (prémio de melhor atriz no festival) e o cantor de ópera William Shimell.

O tema da arte e do lugar da cópia percorrem o filme desde a conferência do realizador, onde se conhecem, até ao momento em que o espectador já não consegue distinguir se é a arte que copia e vida ou a vida que copia a arte. Ao longo da história, o desdobramento entre cópias e originais adensa-se. Binoche e Shimell começam o filme como desconhecidos para terminarem como casal, com 15 anos de história.

No final, quando regressam ao quarto de hotel onde passaram a lua de mel, a mulher vai ficando cada vez mais triste ao olhar para a janela de onde o marido já não reconhece nada do que vê, quer à esquerda, quer à direita.

José e Pilar

Uma demonstração de amor



Título: José e Pilar
De: Miguel Gonçalves Mendes
Género: Documentário
Classificação: M/6
Portugal/Espanha, 2010, 128 min

Este documentário é extraído de 240 horas de filmagens da vida de um casal: José Saramago, escritor e comunista, que diz que a religião é uma "aldrabice completa" e que "gostava de morrer lúcido e de olhos abertos" e Pilar del Rio, a sua mulher andaluza, que o arrastou para Lanzarote quando na sua pátria o insultaram... Saramago, que se tornou um ícone da cultura, sobretudo depois do Prémio Nobel, reconhece a sua própria felicidade e sente-se grato por cada dia que lhe é dado a viver. É justo que assim seja porque no filme a morte é tema dominante. De posições fortes e controversas, o escritor sempre teve com Portugal uma relação de amor/ódio. Na película, afirma que a sua vida começou aos 60 anos porque houve uma vida antes e outra depois da actual companheira: "Pilar porque demoraste?". Denota-se uma enorme cumplicidade entre eles mesmo discutindo acaloradamente: um ataca Clinton, outro culpa Hilary... Depois o amor tudo apaga...



clássicos A Sede do Mal

Durante décadas, os cineastas prestaram homenagem ao prodigioso filme de Orson Welles, *A Sede do Mal*, uma história de corrupção e consciência, passada nos bares de strip-tease e motéis de uma cidade reles do México, onde o honrado oficial da brigada mexicana de narcóticos, Charlton Heston, e o degenerado polícia americano, protagonizado pelo próprio Welles, se desentendem por causa de um homicídio cuja jurisdição é disputada.

Heston praticamente obrigou a Universal a contratar Welles como realizador e a primeira coisa que ele fez foi deitar fora o guião e escrever ele próprio a adaptação do

romance de Whit Materson, *Badge of the Evil*, transformando um thriller barato numa obra de arte.

Envolto numa atmosfera sinistra, o filme é ainda hoje aclamado pela notável abertura e uma série de cenas audaciosas e complexas que lhe deram a fama de *film noir*.

A Sede do Mal resistiu ao tempo como uma obra-prima de técnica e imaginação. Um filme que se deve ver, pelo menos, uma vez na vida.

Título original: Touch of Evil
De: Orson Welles
Com: Orson Welles, Charlton Heston e Janet Leigh
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1958, 95min

Como seria de prever, o mês de Dezembro tem muita oferta. Relaxe ao som de um bom concerto ou de um espectáculo de dança. Há propostas em bom português e de artistas internacionais.



Tim e Companheiros de Aventura

Dia 17, às 22h no Coliseu dos Recreios

MÚSICA

Quando ouvimos o nome Tim lembramo-nos de imediato dos Xutos e Pontapés. Mas desta vez, os companheiros de aventura do cantor são Rui Veloso, Vitorino e Celeste Rodrigues. Desde que abraçou uma carreira a solo, Tim tem solidificado um percurso de sucesso e actua no Coliseu, pela primeira vez sem os parceiros dos Xutos, para apresentar temas dos quatro álbuns já editados.



Herbie Hancock: The Imagine Project

Dia 7, às 21h30 no Campo Pequeno

MÚSICA

A lenda do jazz regressa a Portugal com um projecto surpreendente. Convidou artistas de todas as regiões do planeta para gravar um disco, com músicas bem conhecidas do público, cujo objectivo é passar uma mensagem de paz, tolerância e responsabilidade global. Dave Matthews, Anoushka Shankar, Jeff Beck, Seal, Pink, Wayne Shorter, James Morrison e Lisa Hannigan foram alguns dos nomes que se juntaram a esta causa.



Joaquín Cortés: Calé

Dia 7, às 22h no Pavilhão Atlântico

DANÇA

Considerado um dos maiores bailarinos de flamenco do mundo, Joaquín Cortés é sempre uma agradável surpresa em palco. Numa retrospectiva dos seus 20 anos de carreira, o artista espanhol traz a Portugal o espectáculo *Calé*, uma fusão de trabalhos anteriores, com um lado muito emocional. Acompanhado por 16 músicos e 10 bailarinas, Joaquín Cortés promete uma noite de ritmos muito *calientes*...



La Sylphide pela Companhia Nacional de Bailado

Até dia 18, às 21h, no Teatro Nacional de S. Carlos

DANÇA

Com interpretação ao vivo da Orquestra Sinfónica Portuguesa, a célebre versão de Auguste Bournonville que a CNB agora apresenta e que, desde a sua estreia em 1836, tem sido acarinhada por inúmeras companhias mundiais, é a história de um jovem escocês cuja mente está dividida e inquieta. James não se sente tranquilo no mundo confortável e burguês ao qual está prestes a ligar-se ao casar com a dócil Effie...



Concertos e Óperas em Dezembro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Na primeira semana dois pianistas de excepção:

1/12 às 19 horas (Grande Auditório)

Johann Sebastian Bach - Variações Goldberg
- Andrés Schiff (piano)

7/12 às 19 horas (Grande Auditório)

Beethoven: duas Sonatas a nº 13 e a nº 18 - Chopin: os 24 prelúdios - Alexei Volodin (piano)

9/12 às 21 horas e 10/12 às 19 horas (Grande Auditório)

Num programa de Ravel (Tombeau de Couperin), Dutilleux (concerto para violino) e Brahms (2ª sinfonia). Permito-me destacar o concerto de violino de Dutilleux (1916) uma das obras marcantes da música concertante contemporânea. Orquestra Gulbenkian; Olivier Charlier (Violino); Dir. Hans Graf

11/12 às 17.30 horas (Grande Auditório)

A ópera "D. Carlos" de Verdi. Transmissão em directo do MET de Nova York projectada em ecrã. A não perder! A ópera de Verdi, adaptada da obra homóloga de Schiller é, na minha opinião, uma das melhores composições de Verdi. É, portanto, uma das melhores óperas de sempre. A realização do MET deve ser, como de costume, excelente.

16/12 às 21 horas e 17/12 às 19 horas (Grande Auditório)

O habitual concerto de natal coral-sinfónico dirigido, como quase sempre, pelo Michel Corboz. Solistas, coro e Orquestra Gulbenkian
Georg Friedrich Handel - Dixit Dominus, HWV232
Franz Joseph Haydn - Missa in Augustis

18/12 às 19 horas (Grande Auditório)

Johann Sebastian Bach: as seis suítes para violoncelo solo. Uma das obras mais importantes alguma vez escritas para o violoncelo. Como interprete o francês Jean-Guihen Queyras. Muito bom!



Andrés Schiff

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

8/12 às 17 horas (Grande Auditório)

As vésperas de Claudio Monteverdi (1567-1643) Uma das referências da música da época e também do seu criador (o primeiro grande compositor de ópera)
Ensemble La Venexiana (de muito boa qualidade interpretativa e rigor histórico)

14/12 às 19 horas (Pequeno Auditório)

IV Concerto da Integral de Chopin por Artur Pizarro. Por lapso meu não indiquei os três concertos anteriores. Não percam este, se gostam de Chopin. Atenção a sala esgota. Artur Pizarro tem, merecidamente muitos fans.

CULTURGEST

17/12 às 21.30 horas

Paint Me: uma ópera de Luís Tinoco. Em colaboração com o Teatro de S. Carlos a estreia desta ópera de um compositor português com solistas portuguesas, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e direcção de Joana Carneiro.

ARTES

Se gosta de obras de arte originais, não deixe de ver as exposições que lhe sugerimos este mês. Dois artistas portugueses expõem peças bastante criativas, fruto de anos de investigação...



Helena Lapas: Prazer de Fazer – Trabalhos Recentes

Até 15 de Janeiro de 2011, na Galeria Ratton

Ponto por ponto, Helena Lapas cria peças de arte de uma originalidade extrema. Singulares e irrepetíveis, como todas as grandes obras, os seus quadros constroem-se com os materiais mais incríveis. Oito anos passados desde a última exposição individual em Portugal, Helena Lapas apresenta um conjunto de 16 tapeçarias e 11 colagens em papel onde o ponto de partida que desencadeia todo o processo, e sugere o desenho final, são os materiais. É uma espécie de “acontecer em contínuo”, onde a artista sobrepõe e alinha os retalhos de tecido ou os recortes de papel que depois compõem a peça definitiva. No caso da tapeçaria são os padrões que dão forma às obras, já nas colagens, os papéis têm todos os formatos e são de todas as “raças”, pois vêm de vários locais do mundo. O

início desta actividade deu-se na época onde todas as raparigas queriam ser costureiras. Foi neste contexto que a artista se apercebeu das imensas potencialidades do tecido como suporte criativo, e desde então que cria obras de arte de uma forma pouco convencional...

João Queiroz: SILVÆ

Até 9 de Janeiro de 2011, na Culturgest

Com raízes profundas na história da pintura, João Queiroz não é um artista difícil de identificar.

É o género da paisagem que mais representa o seu trabalho, há mais de uma década. Por volta de 1998, o pintor português passou a pintar paisagens de uma forma muito própria, porque lhe interessou desrespeitar as categorias e hierarquias que sempre orientaram este género artístico. As suas obras rompem, por isso, com os hábitos de percepção e com as convenções culturais.

Esta exposição, a primeira antológica de João Queiroz, reúne um vasto conjunto de pinturas e desenhos, realizados nos últimos 20 anos, num convite a descobrir, ou redescobrir, uma obra de enorme rigor e vitalidade, que se reinventa permanentemente na sua incessante averiguação das possibilidades da pintura e do desenho como construção de novos modos de ver.



TEATRO

O teatro é sempre uma excelente proposta para as frias tardes de inverno. Nesta época natalícia, não deixe de assistir a uma destas peças, cujas mensagens implícitas nos fazem pensar...



O Senhor Puntilla e o seu criado Matti

Excepcional apreciador da bebida, Puntilla – numa fantástica interpretação de Miguel Guilherme – sofre de dupla personalidade: quando está sóbrio, é arrogante e ego-cêntrico, quando está ébrio, é fraternal e compassivo. Uma luta entre duas personalidades distintas e um verdadeiro retrato da luta de classes, visível entre ele e o seu criado Matti. Oscilando entre extremos, o Sr. Puntilla surpreende e confunde tudo e todos: amigos, subordinados e desconhecidos. Escrita em 1940, durante o exílio de Bertolt Brecht na Finlândia, esta é uma das comédias mais brilhantes deste dramaturgo. Com música original de Mazgani tocada ao vivo, esta parábola reflecte sobre o poder, a justiça, a igualdade entre os homens e a dependência, mas também o louvor aos prazeres da vida e à natureza. A peça encerra um potencial de consciencialização individual e social e uma actualidade histórica impressionantes.

Teatro Aberto

Preço: normal €15; < 25 anos €7,5; > 65 anos €12

Data: Até 1 de Janeiro de 2011

Encenação: João Lourenço

Interpretação: Miguel Guilherme, Sérgio Praia, António Pedro Lima, Cátia Ribeiro, Carlos Malvarez, Carlos Pisco, Cristóvão Campos, Francisco Pestana, Mafalda Lencastre, Mafalda Luís de Castro, entre outros



Fim de Citação

Muitas vezes o teatro fala do teatro. A esse propósito o Teatro da Cornucópia criou um pequeno espectáculo construído a partir de citações de grandes autores da literatura dramática e algumas da própria companhia, numa reflexão, em modo de brincadeira, sobre a natureza do teatro e dos seus protagonistas. Um exercício de auto-crítica, com muita ironia.

A peça põe em cena quatro personagens: um actor, um encenador, uma assistente de encenação e um contra-regra. O diálogo é um conflito permanente e um chorrilho de teorias. É um debate sobre a realidade e a ilusão, a natureza do trabalho teatral, um elogio do actor e um retrato da sua fragilidade. *Fim de Citação*, reúne textos de autores como Beckett, Genet, Garcia Lorca, Calderón, Kleist, Tchekov, Schnitzler, Luiza Neto Jorge, Shakespeare, Pirandello, Heiner Müller e Louis Jouvet.

Teatro da Cornucópia/Bairro Alto

Preço: €15

Data: Até 12 de Dezembro

Encenação: Luís Miguel Cintra

Interpretação: Luís Lima Barreto, Sofia Marques, Dinis Gomes e Luís Miguel Cintra

LIVROS

Para que termine o ano da melhor forma, a Artes&Letras sugere-lhe o novo romance de Mário Zambujal. No seu estilo inconfundível, o autor edita mais uma obra salpicada de humor...

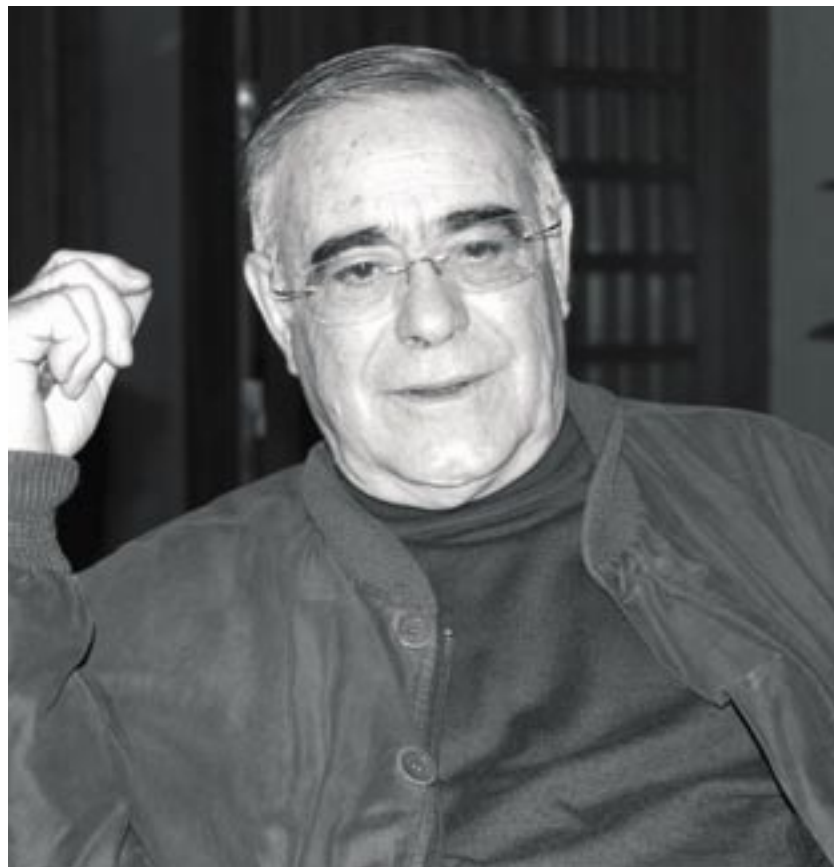


Mário Zambujal

A Dama de Espadas

Mário Zambujal tem 74 anos e uma vida recheada de peripécias. Trabalhou em televisão, em rádio, em jornais e em 1980 decidiu publicar o seu primeiro livro. “Crónica dos Bons Malandros” foi um estrondoso sucesso e mais tarde adaptado ao cinema. O oitavo livro está à venda há poucas semanas. Chama-se “Dama de Espadas” e é uma narrativa bem portuguesa, com a qual nos identificamos sem dificuldade. É escrito com o humor característico de Zambujal, muito ritmo e de leitura fácil.

A “Dama de Espadas” demorou quatro meses a ser escrito, mas Mário Zambujal mostra que continua em boa forma. Mantém o nível de romances anteriores e continua a cativar leitores entre os mais jovens, con-



A Dama de Espadas

Mário Zambujal
Clube do Autor, 2010

solidando os que já o conheciam do famoso programa desportivo televisivo “Grande Encontro”, ou do “Pão com Manteiga”, apresentava com Carlos Cruz na Rádio Comercial, depois transformado em escritor de sucesso. A escrita é madura mas extraordinariamente acessível. Apesar da complexidade dos episódios narrados, é facilmente “devorado” pelos leitores. Trata-se do terceiro livro escrito desde 2008, sucedendo a “Já Não Se Escrevem Cartas de Amor” e a “Uma Noite Não São Dias”.

Conta a história de Eva Teresa, uma criança que gosta de se agarrar ao pescoço de Filipe, jovem de 18 anos, protagonista da história e uma espécie de namorado da irmã mais velha, Rosália. A família afasta-se para o Brasil e o rapaz acha-se sozinho, até

descobrir Eva, que entretanto já cresceu. Atravessa o Atlântico para a encontrar mas uma série de episódios e desventuras transforma completamente a narrativa e a vida de ambos. O reencontro dá-se mais tarde, em Sintra, local onde se registam as mais inacreditáveis atribuições.

A criatividade de Zambujal parece não ter limites. A “Dama de Espadas”, que tem como subtítulo “Crónica dos Loucos Amantes”, conta com uma frase que define todo o enredo. No início não se imagina como poderá aplicar-se, mas no final faz todo o sentido. É uma verdadeira chave de toda a história: “As paixões arrebatadas são como o vinho das melhores castas: primeiro alegram, depois embriagam, um dia azedam”.

XADREZ

A importância do roque

POR LUÍS EUGÉNIO RODRIGUES

Um dos conceitos básicos do xadrez é a segurança do nosso Rei. Antes de atacarmos o Rei adversário, devemos, salvo raras exceções, salvar o nosso próprio Rei.

A melhor forma de o fazermos, é através do roque, pequeno ou grande, conforme é feito para a ala do Rei ou da Dama. O roque deve ser executado, logo, nos primeiros lances da abertura, para depois desenvolvermos todas as peças, para, enfim, atacarmos, o Rei adversário, enquanto o nosso já se encontra em segurança. A partida que hoje apresentamos, ilustra bem este conceito, ou seja, enquanto as negras que já fizeram o roque, exercem uma forte pressão sobre o rei adversário, as brancas, com o seu rei exposto e a sua torre a não jogar, estão em grandes dificuldades para travar o ataque inimigo.

A conclusão da posição é o ganho de material por parte das negras e consequente vitória. De notar que a partida foi entre dois Grandes Mestres.

TORNEIO DE MONTRÉAL (CANADÁ)

Antonio,R. (2539) – Nataf,I. (2557)
As negras jogam e ganham



Do Iluminismo ao Pós-Impressionismo, desde pinturas do Louvre do séc XVIII a imagens de jardins do séc XX, são vastas as propostas de exposições aqui bem perto. Se puder, visite-as.



Museu Thyssen-Bornemisza e na Fundação Caja Madrid, Madrid

Jardins Impressionistas

Até 13 de Fevereiro de 2011

Juntar as principais figuras do Impressionismo - Monet, Renoir, Boudin, Degas, Manet, Pissarro e Sisley -, com os seus precursores - Delacroix e Corot - e com artistas posteriores como Klimt, Munch, Sargent, Cézanne, Gauguin, Braque, Rousseau e Van Gogh, soa a algo improvável. Mas é bem real! Está patente, em Madrid, uma mostra simplesmente única, recheada com as mais extraordinárias pinturas de jardins dos grandes mestres impressionistas e pós-impressionistas dos séc. XIX e XX. Irresistível!

Musée d'Orsay, Paris

Heinrich Kühn: A fotografia perfeita

Até 24 de Janeiro de 2011

Criar fotografias com valor artístico, que rivalizassem com a pintura, era a grande ambição de Heinrich Kühn (1866-1944). Figura marcante do pictorismo internacional do início do século XX, intimamente ligada aos dois maiores representantes do movimento, Alfred Stieglitz e Edward Steichen, Kühn desenvolveu um trabalho modernista extraordinário. As suas fotografias de grande formato, onde utilizou movimentos impressionistas de luz, quase abstratos, estão agora expostas em Paris.



Louvre, Paris

O Louvre no tempo dos Lumières (1750-1792)

Até 7 de Fevereiro 2011

O Louvre foi o sonho dos homens do tempo do Iluminismo. Embora, durante esse período, e apesar de várias tentativas, o edifício permanesse num estado inacabado, e fosse o reflexo do quotidiano confuso da capital francesa, muitas foram as pinturas e desenhos que o evocaram, reflectindo uma sociedade em mudança, no coração de Paris e no mundo da arte. Na realidade, o museu daquele tempo era já o embrião da instituição que hoje conhecemos. O Louvre sonhou, o Louvre viveu. É este o mote da exposição.

Dezembro é Natal e férias das crianças. Por isso escolhemos muitas actividades para realizar em família, no Porto, claro! Eis as sugestões de Maria João Duarte.

Actividades com os mais jovens

Gratuitas, com marcação prévia, normalmente de 3^ª a 6^ª das 10h-12h e das 14h-17h

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL: “Histórias ao palco”, teatro de fantoches (4^a-10h30); “Hora do conto” (3^a e 5^a 10h30); “Ler também é brincar” (6^a 10h30-12h); “Halley, o Cometa da República”. **CASA DO INFANTE:** “O Porto através do lúdico”. **MUSEU DO VINHO DO PORTO:** “A minha garrafa é mais bonita que a tua...”; “Em busca do ouro do barão”, pedipaper; “Vem navegar pelo museu”, oficina de construção de barcos rabelo. “História da D.Uva - hora do conto”. **CASA-MUSEU GUERRA JUNQUEIRO:** “A rimar e a adivinhar à casa do Guerra Junqueiro vou brincar...”; “Conservar para preservar”; “Museu, espelho meu”, pedipaper. **CASA MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO:** “Percurso de uma família portuense”; “No tempo de Aurélia de Souza”; “Costumes e moda feminina”. **PAÇOS DO CONCELHO:** Visitas guiadas. **GALERIA DO PALÁCIO DE CRISTAL:** “Viagem ao antigo palácio”, oficina de construção de maquete (3^a 10h-12h). **EDIFÍCIO DA ALFÂNDEGA:** “Bodies Revealed, O Corpo Humano como nunca o viu”(10h-21h). **MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA:** XII PortoCartoon-World Festival: “Aviões e Máquinas Voadoras”.

Dança

TNSJ: “Gustavia” vaudeville burlesco com Mathilde Monniere e La Ribot (10) “Antes de ser paisagens... onde o negro é cor”, Companhia Paulo Ribeiro com Leonor Keil (16-18)

Música

CASA DA MÚSICA: “Em busca do Graal”(7); “Herbie Hancock”, jazz (8) “Cibell + Rata-tat”, música electrónica (10); Exército Russo de São Petersburgo (12); “David Murray plays Nat King Cole en Espanol” com Omara Portuondo(14); “Fantasia de Natal sobre “Fantasia” de Walt Disney” (17); “Vésperas de Natal”, colectânea de música sacra (19); “Coro Infantil do Círculo Portuense de Ópera canta o Natal”(22); “Ano novo, novo mundo”, música americana contemporânea (2Jan); “Alabama Gospel Choir”(3 Jan). **CINEMA BATALHA:** Os Azeitonas (23) **PASSOS MANUEL:** Peter Broderick + Azevedo Silva + Greg Haines (8). **ARMAZÉM DO CHÁ:** The Blues Against Youth (10). **HARD CLUB:** Bilan (10) Owen Pallett e Eak (11) Swallow The Sun + Sólstafir + Mar de Grises (15) Holocausto Canibal + Pitch Black + Web (25). **PLANO B:** Tallowate + Malcontent (11) O Meu Mercedes É Maior Que o Teu, Orelha Negra (11). **CULTURGEST:** Daniel Carter & William Parker & Federico Ughi (17). **COLISEU:** Harlem Gospel Choir (21), Concertos Promenade, Os Beatles no circo - Banda Sinfónica Portuguesa (26), Strauss Festival Orchestra (7 Jan)

Teatro

GARAGEM DA PANMIXIA. R.do Freixo: “A Lenda de Gaia”, adaptação pelo CACE da lenda medieval do rei Ramiro e da bela Gaia (até 30). **TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Still Frank”, concerto encenado pelo Teatro Bruto com base no “Frankenstein” (11-12). **TEATRO DA VILARINHA:** “O Rapaz do Espelho” conto de H.C.Andersen (11 a 28 Jan). **MUSEU SOARES DOS REIS:** “In Situ-In Transit”: o Teatro como arte total com percurso pelo interior e exterior do Museu (até 19).

Já pensou em oferecer livros ou DVD's neste Natal? São sempre bons presentes. Aqui ficam duas excelentes propostas das colaboradoras Maria do Carmo Vieira e Sofia Alves.

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Krzysztof Kieślowski **Azul**

Azul. O primeiro filme da Trilogia “Três Cores” dirigida por Krzysztof Kieślowski, em 1993. Azul, Branco e Vermelho são as cores da bandeira Francesa, sendo a história de cada um destes filmes baseada nos três princípios que regem a República Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Falo-vos do filme “Azul”, não sei se por ter sido o primeiro que visualizei mas, definitivamente, por ter sido o mais marcante.

A cor azul; a dor lacerante causada pela perda de um ente querido num acidente de viação; a vontade de morrer, estrangulada pela falta de coragem de levar a cabo esse intento; a procura por uma vida solitária desprendida de qualquer ligação à vida anterior ao trágico acidente e a música. Estes são talvez os momentos que definem o rumo de Julie, personagem interpretada por uma inquietante Juliette Binoche, a única sobrevivente de um acidente de viação que deixou sem vida o seu marido, um famoso compositor, e a filha pequena.

Azul. Está sempre presente no rosto de Julie, através dos reflexos de uma janela, da água de uma piscina ou dos pingentes azuis dispostos em diversos fios, pendentes de um candeeiro pendurado no quarto azul da sua filha, transformados no único elo de ligação ao passado e à sua dor.

Julie vendeu tudo o que tinha e fugiu do reconhecimento público, por ser a esposa do falecido compositor que deixou inacabada a música para a Unificação da Europa, refugiando-se num apartamento e num bairro longe do contacto com crianças.

Música. A música conduz o desenvolvimento de todas as cenas. A música que não quer ouvir, mas que, a todo o momento, a envolve através dos sons provenientes de uma flauta que se ouve na rua, ou através de fragmentos musicais que lhe dominam o inconsciente quando o espírito vagueia ou mesmo, enquanto nada numa piscina. Quantas vezes foi inundada por uma vontade de se deixar ficar ali, num fundo azul, dentro da água da piscina, até a inconsciência total lhe retirar o som dos acordes e das vozes dos coros que a atormentam constantemente, não a deixando ficar só.

Mas a sua generosidade, espelhada na bondade com que abraça as pessoas que vão surgindo pelo meio da busca pouco conseguida pela solidão, e os laços ainda indefinidos que a envolvem com o homem que foi o assistente do marido, e que nutre por ela um amor incondicional, levam-na, finalmente, a assumir-se como a compositora que se escondia por trás do marido famoso, terminando ela própria a música para a Unificação da Europa. Música da qual, ao longo de todo o filme, ela nunca se libertou.

Título original: Bleu
De: Krzysztof Kieślowski
Com: Juliette Binoche, Zbigniew Zamachowski e Julie Delpy
Género: Drama
País/ano: Polónia/França/1993

Um livro da minha vida

SOFIA ALVES



Gustave Flaubert

Madame Bovary

No dia em que Emma Bovary morreu nada mudou. Nunca desejei tanto a morte de uma personagem, mas a verdade é que, depois disso, tudo continuou como estava. As dívidas das suas extravagâncias continuaram por pagar, a necessidade que a sua filha Berthe tinha de uma mãe manteve-se, e a falta que fazia ao seu fiel e tolo marido ultrapassou o seu desaparecimento.

Num romance que chocou a sua época e que muitos crêem como o primeiro do estilo realista, Flaubert fala-nos de uma mulher provinciana que, encantada com as fantasias dos livros de romance, sonha com uma vida de ostentação e luxúria, no seio da mais nobre sociedade da França. Contudo, a sua ambição não lhe traz mais do que um casamento com um médico medíocre, ingénuo e apaixonado, e com a sua enorme beleza não consegue ir além da infidelidade, alimentando casos com homens que a abandonam sempre que ela decide trocar a rotina entediante do seu casamento por uma aventura.

“Bovary c’est moi”, diz Flaubert ao defender-se dos julgamentos de que foi vítima pela polémica que o seu livro causou, ao tratar com tanta naturalidade temas como o adultério e a emancipação feminina. Quem hoje condenaria Emma Bovary? Bovary somos nós, quando felizes com as transgressões que explicamos com os acasos e as frustrações do dia-a-dia; Bovary somos nós, quando depositamos uma confiança cega nas nossas convicções; Bovary é cada uma de nós, quando sonha com coisas que nunca serão concretizadas; e Bovary é cada um de nós, sobretudo, quando não nos apercebemos da beleza da simplicidade do dia-a-dia.

Insaciável por natureza, Emma suicida-se, e é quando esperamos que todos os males que causou se resolvam com a sua morte, que percebemos que, verdadeiramente, nada muda. Porque já não é só a corrupção de uma mulher, mas de toda uma era.



Madame Bovary

Gustave Flaubert
Relógio d'Água,
1991



**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**PONTE SOBRE
O RIO ZAMBEZE,
MOÇAMBIQUE**

